

Uma exposição equivocada

por Sylvio Fraga Neto

Antônio Parreiras (1860-1937) foi mais do que nosso maior pintor de paisagens. De personalidade forte e exuberante, foi um dos artistas mais conhecidos e respeitados de sua época e a influência que exerceu sobre a pintura brasileira é ímpar. Infelizmente, a exposição em sua homenagem, *A história de um pintor contada por ele mesmo*, atualmente em mostra no centro cultural da Caixa Econômica Federal (CEF), apresenta uma série de equívocos.

Todos os trabalhos expostos, com exceção de duas pinturas que fazem parte da coleção da CEF, pertencem ao acervo do Museu Antônio Parreiras (MAP), entidade subordinada à Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Por que não podemos ver estas obras no próprio museu, em sua sede na cidade de Niterói? Me indignou constatar a utilização de recursos públicos federais para deslocar obras de arte de um museu público estadual e expô-las em outro local muito próximo — um passeio de menos de 25 km — sem qualquer justificativa plausível. Os custos de transporte, seguro de obras de arte, pessoal e serviços contratados poderiam ter sido evitados.

Na atual mostra, a maior parte do material exibido se resume a curiosidades da vida e da obra de Parreiras, e não proporciona a “... *revelação da história desse pintor, contada por ele mesmo, através de seus croquis, desenhos, esboços, estudos e obras concluídas*”, como pretende a curadora no texto que escreveu para o catálogo. Aliás, teria sido muito difícil, senão de todo impossível, realizar tal propósito com apenas 60 obras entre as mais de 700 que o artista comprovadamente produziu – e menos ainda com as que foram escolhidas.

Os desenhos que o artista fez para sua autobiografia em hipótese alguma são parte relevante de sua produção. São apenas ilustrações para um livro de memórias. Os estudos preliminares para pinturas decorativas ou históricas formam a parcela mais monótona e convencional da arte do grande paisagista. Embora hesitantes e repetitivos, claro que é interessante observar através deles seu processo criativo – mas esses gêneros não se justificam como atração principal de uma exposição elucidativa sobre Antônio Parreiras. Sobretudo, é profundamente injusto para com artista de tamanha estatura, e hoje insuficientemente reconhecido, enfatizar tais aspectos periféricos de sua arte. A exposição não consegue, nem de longe, oferecer ao público uma vaga noção do que é a poderosa obra do pintor e do que foi sua ardente e impetuosa vida. Por isso, é inadmissível usurpar o forte título de sua autobiografia e atribuí-lo a esta exposição.

A curadora bem poderia ter selecionado obras de arte em coleções particulares, porque são essas as que o público raramente ou nunca tem oportunidade de apreciar. Assim, teria sido possível reunir obras fundamentais e organizar uma bela e verdadeira exposição retrospectiva. Nesse caso, seria justificável trazer obras importantes do museu. Para revelar de fato um artista às gerações recentes, a um público amplo que o “esqueceu”, só há uma maneira: selecionar e

expor o que foi relevante na sua produção. Como observou Cláudio Valério Teixeira, restaurador e crítico de arte, “...Parreiras foi um pintor grandioso, que merece exposições grandiosas. Só tem sentido retirar obras de seu museu no caso de uma grande exposição.” Da maneira em que foi organizada a atual exposição, os recursos nela aplicados teriam sido bem aproveitados se investidos no MAP, hoje um museu arruinado e incapaz de exibir seu magnífico acervo.

É sempre bom lembrar que constitui obrigação fundamental de qualquer sistema educacional transmitir aos jovens o patrimônio cultural de seu País. Será que muitos franceses desconhecem a existência de Claude Monet? Parreiras representa muito mais para o Brasil do que Monet para a França. O Brasil não conhece os pintores que tem, uma verdadeira legião de geniais intérpretes de nossa cultura e natureza. É importante se trabalhar por seu reconhecimento, mas no caso desta exposição, o grande Antônio Parreiras tornou-se protagonista indefeso de uma triste derrota.

Publicado em 26/03/2008